

UMA REDE NACIONAL DE PESQUISA PARA O CAMPO

Roberto Rodrigues*

Embora não represente um grande acontecimento político, o noticiário sobre mudança na direção da Embrapa ganhou destaque recentemente, seja pela grandeza da instituição, seja pelo que se espera do agronegócio brasileiro no futuro de médio e longo prazo, seja pelas mudanças substanciais ocorridas no setor rural desde a constituição da empresa há 46 anos.

Quanto ao que se espera, nunca é demais lembrar que estudos recentes da OCDE e do USDA mostram que em 10 anos só haverá segurança alimentar para todos os terráqueos se a oferta global de alimentos crescer 20%. E para isso, o Brasil crescer 40%, o dobro!

No que tange às mudanças no agro brasileiro, chama a atenção a crescente exigência de consumidores de todo o mundo quanto à sustentabilidade dos sistemas de produção, com ênfase para a redução do desmatamento, sobretudo da Amazônia, para o maior controle do uso de agroquímicos, e para uma tendência de menor crescimento do consumo de proteína animal. Isso sem falar no cenário impressionante de inovações que vem chegando ao agro do mundo todo: IoT, conectividade, TI, drones e robôs, máquinas não tripuladas, novas moléculas de defensivos agrícolas, bioeconomia, nanotecnologia, biotecnologia, bioenergia, novas vacinas e rações animais, os já super utilizados ILPF e agricultura de precisão, as startups que se multiplicam em propostas de gestão rural, para ficar apenas na superfície do tsunami tecnológico que se avizinha.

Tudo isso exige visão de Estado - e de estadista - na atenção para a pesquisa. Existe uma oportunidade histórica para o Brasil se tornar o campeão mundial da segurança alimentar, mas isso não está dado, é só acontecer se os poderes constituídos e a sociedade derem o adequado valor às ciências agrárias, ampliando o apoio às instituições de pesquisa, inovação e transferência de tecnologia, o que, infelizmente, não tem acontecido nos últimos anos. Ao contrário, o que se observa é um certo descaso quanto a muitas organizações científicas do país, como o IAC, mais do que centenário Instituto de pesquisas que gerou variedades de café, laranja, algodão, milho, amendoim, cana-de-açúcar e tantas outras cultivadas que por décadas dominaram o cenário do Agro nacional, antes do advento da soja.

O próprio Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária criado quase simultaneamente com a Embrapa com o objetivo de coordenar as inovações para evitar gastos duplicados e integrar os resultados, está esgotado. Portanto, o que realmente importa agora não é apenas mudar a direção da Embrapa: é levar para seu comando gente capaz de renovar este modelo, com o olhar nas profundas mudanças vividas pelo setor, e com a constituição de uma verdadeira Rede Nacional de Pesquisas Agrárias, sob a coordenação efetiva da Embrapa, mas juntando também as instituições estaduais de pesquisa, as Universidades públicas e privadas e até mesmo empresas que se empenham na geração de ciência para o agronegócio.

Somos ainda os grandes líderes da agropecuária tropical, mas corremos o risco de perder esse galardão e, com ele, a chance de sermos os campeões mundiais da paz, visto que só com segurança alimentar para todo mundo será possível obter a paz universal.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**